

Etapas de construção de um romance: o caso de *O primo Basílio*¹

Isabel Pires de Lima

Nota prévia: O texto que aqui se apresenta corresponde no essencial ao que foi apresentado, em dezembro de 2024, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), por ocasião do VI Encontro Internacional do Grupo Eça, e será retomado, embora ampliado, designadamente no que se refere a materiais genéticos a ter em conta, na edição crítica de *O primo Basílio*, a ser publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

A edição crítica de *O primo Basílio* é condicionada pelo dado prévio de não existir ou não estar disponível o manuscrito do romance, para além de algumas folhas soltas dispersas entre mãos de privados e instituições públicas, designadamente em Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal) e no Brasil (Academia Brasileira de Letras).

O romance, o segundo que o autor leva a lume, foi publicado em 1878², numa edição de 3000 exemplares, mais exatamente, chega às livrarias, seguindo a lição de Guerra da Cal³, a 28 de Fevereiro, tendo esgotado em três breves meses, o que determinará a imediata preparação de uma 2.^a edição⁴ que foi amplamente revista pelo autor. Será, pois, sobre esta edição, considerada *ne varietur*, que se estabelecerá a edição crítica. Aliás, será aquela 2.^a edição que estará na base da 3.^a edição, publicada ainda em vida do escritor com alguns percalços de que daremos conta adiante.

Quando acaba de concluir o romance, Eça de Queirós comunica o facto ao seu amigo Ramalho Ortigão, em carta datada de 3 de Novembro de 1877, e ele, que era já um escritor com uma acentuada veia perfeccionista e uma

1 Esta publicação/ Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UID/00500/2025 | DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/00500/2025>).

2 Eça de Queirós, a) *O Primo Basílio*, Porto-Braga, Livraria Internacional de Ernesto Chardron / Eugénio Chardron, 1878.

3 Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*, Apéndice, Bibliografía queirociana sistemática y anotada e Iconografía astística del hombre y la obra. Tomo 1º, Acta Universitatis Conimbricensis: Por ordem da Universidade, 1975, pp. 36-9.

4 Eça de Queirós, b) *O Primo Basílio*, Episódio doméstico, Segunda edição, revista, Porto-Braga, Livraria Internacional de Ernesto Chardron / Eugénio Chardron, 1878.

forte consciência artística, comenta, ao jeito autodepreciativo que lhe será habitual: é “uma obra falsa, ridícula, afetada, disforme, piegas e *papouloso*, isto é tendo a propriedade da papoula: – *sonoficiente*. De resto você lerá – isto é, dormirá.”⁵ Mas se o autor se debate, se interroga, se deprecia – “Falta a *poigne*.” (*Ibidem*), diz ele, – não deixa de acreditar no seu estilo que qualifica com muita propriedade, como tendo “limpidez, fibra, transparência, precisão, *netteté*.” (*Ibidem*), assim como acredita que “Há inquestionavelmente – algumas cenas, alguns traços corretos, e há maravilhas de habilidade, da habilidade de *métier*” (*Ibidem*).

Ora é essa habilidade de *métier* que ele persegue e, apesar de se chamar a si próprio de “idiota” e “besta”, a sua confiança de artista, ainda bem jovem, note-se, permite-lhe estabelecer uma meta bem desafiante, para além de Balzac ou Zola:

E o que é triste é que me desespero por isso. Nunca hei-de fazer nada como o *Pai Goriot*: e você soubesse a melancolia em tal caso, da palavra *nunca*! Não falo naturalmente do *Pº Basílio* – isso é uma ninharia, abaixo da crítica dum crítico de Penafiel: mas mesmo esse novo romance – de que estou tão contente – *não dá, não sai*. Faço mundos de cartão ... não sei fazer *carne nem alma*. Como é? Como será? E todavia não me falta o processo: tenho-o, superior a Balzac, a Zola, a *tutti quanti*. Falta a *coisinha* dentro: a pequena vibração cerebral: sou uma irremissível besta! (*Ibidem*).

Serve esta reflexão para justificar a dimensão da intervenção a que Eça de Queirós procederá na passagem da 1.^a para a 2.^a edição, e simultaneamente para explicar o elevadíssimo número de notas que tal intervenção motivou no estabelecimento da edição crítica. Com efeito, o *côté artiste* do nosso autor convive desde o início da sua obra literária com as preocupações de compromisso ético e social que nesta fase estão, como é sabido, muito presentes e articuladas com a lição realista naturalista que adotara.

Este lendário perfeccionismo queirosiano é em boa parte responsável pelo facto de a obra do autor editada em vida ser inferior à póstuma. Esse desiderato, presente desde os primórdios da sua carreira literária, tornou-se logo claro com o famoso caso de *O crime do Padre Amaro*, quando o jovem escritor, ávido por certo de se ver publicado, reage veementemente contra a publicação, na *Revista Ocidental*, do que ele entende ser apenas um rascunho do romance, que os seus bons amigos, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, dirigiam. Eça teria deixado nas mãos deste último, ao partir para o seu novo posto consular em Newcastle-on-Tyne, um romance a ser publicado

⁵ Eça de Queiroz, *Correspondência*, Organização e notas de A. Campos Matos, vol. I e II, Lisboa, Editorial Caminho, 2008, I, p. 155. Todas as referências à correspondência queirosiana serão feitas, por comodidade de citação, a partir desta recolha.

em folhetins. Os responsáveis pela revista, por certo falhos de colaborações, publicam o romance sem enviarem ao autor as provas a serem corrigidas.

Importa, aqui, apenas lembrar os termos da célebre raiva que se apossou de Eça, quando se apercebe da efetiva publicação do romance, expressos em carta de 26 de Fevereiro de 1875, escrita de Inglaterra a Jaime Batalha Reis:

Eu dou-vos um *borrão* de romance – e vocês em lugar de publicar o romance publicam o *borrão*! (...)

É indispensável que V.V. façam uma declaração – dizendo – que estando eu em Newcastle – e não tendo podido corrigir as provas, o romance sai tal qual está no *borrão*.

(...) E eu que tinha revisto aquelas provas – com um carinho sublime – e que tinha feito daquele barro informe que V.V. me mandaram a mais fina, a mais nítida das estatuetas. Os Diabos vos levem, carrascos.⁶

A sua tendência perfeccionista e estetizante fala mais alto do que o desejo legítimo de se ver publicado como romancista, algo que de facto almejava ser. O escritor que escreve esta carta já, entretanto, trabalhara incansavelmente na 2.^a versão de *O crime*. Assume-se antes de mais como um artista, o que implica dar forma “fina” ao “barro informe”.

Ora a história da elaboração textual de *O primo Basílio* também evidencia essa perseguição do jovem “artista” na busca da forma perfeita e de um caminho original para a sua prática realista.

* * *

A história do texto que vimos publicado no segundo mês de 1878 remonta pelo menos ao ano anterior à publicação ou muito provavelmente ao de 1876. Em carta ao editor Ernesto Chardron, datada de cerca de um ano antes, mais exatamente de 21 de fevereiro de 1877, Eça de Queirós escreve:

Estou terminando os últimos retoques dum novo romance (...).

O assunto do romance são costumes contemporâneos – não da província desta vez mas de Lisboa. É um trabalho realista – talvez um pouco violento e cru, mas não é para fazer dele leitura de serão nos colégios que o escrevi. (...)

Não tem ainda título – que além do seu vigor literário, seja bom na venda. No título deve haver sempre um bocadinho de charlatanismo – talvez ponha – *O Primo João Carlos* – ou *O Primo Basílio*. Melhor este último.⁷

6 Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, pp. 114-5.

7 Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, pp. 137-8.

Faz uma breve síntese do romance – adultério, criada, provas, chantagem cruel – e acrescenta:

Eu tenho mais trabalhos em preparação: o romance *realista* em Portugal tem consumo em toda a parte (...) Por consequência, – o Editor que se entenda comigo não faz o negócio sobre uma obra isolada, mas explora uma série toda, um género de literatura – e da que tem hoje consumo e diz à *orelha do público*.⁸

A ser rigorosa a informação dada pelo autor, tudo parece indicar que a elaboração do romance decorreu entre 1876 e 1877 e que deve ter estado inicialmente ligada na mente de Eça de Queirós a um projeto mais vasto que esta carta já revela, o qual será explicitado em cartas posteriores, de 5 e 26 de outubro e de 3 de novembro de 1877, nas quais interpela o editor do seu possível interesse por um projeto editorial mais amplo, envolvendo uma coleção de pequenos romances ou novelas que constituíssem uma espécie de pintura da vida contemporânea, o qual recebeu várias designações: *Crónicas do Vício*, *Cenas da Vida Real*, *Crónicas da Vida Sentimental*, *Cenas da Vida Portuguesa*.

Nada disto é de estranhar se atentarmos no facto de o nosso escritor, na década de 70, estar ainda fortemente comprometido em termos estético-ideológicos com o projeto realista e realista naturalista, aprendido em Balzac e Zola. Lembre-se a conhecida carta a Teófilo Braga, datada de 12 de março de 1878, em que agradece as boas palavras deste sobre *O Primo Basílio*, à hora da sua publicação, na qual o escritor, depois de uma detalhada análise do romance feita a partir de uma perspetiva ditada à luz de uma lógica realista naturalista, que lhe permite enquadrá-lo no que designa como “uma arte revolucionária”, declara perentoriamente:

A minha ambição seria pintar a Sociedade portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830 – e mostrar-lhe, como num espelho, que triste país eles formam – eles e elas. É o meu fim nas *Cenas da Vida Portuguesa*. É necessário acutillar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo supersticioso – e com todo o respeito pelas instituições que são de origem eterna, destruir as falsas interpretações e falsas realizações que lhes dá uma sociedade podre. Não lhe parece Você que um tal trabalho é justo?⁹

O próprio Guerra da Cal, aliás, associa o projeto de *O primo Basílio* a estoutro, quando admite que:

8 Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, pp. 138-9.

9 Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, pp. 183-4.

La primera redacción, con toda probabilidad, ya estaba muy avanzada a fines de 1876, o antes. Esta temprana versión, que Eça planeaba como parte de las «Cenas da Vida Portuguesa», tuvo inicialmente los títulos «O Primo João de Brito» y «O Primo João Carlos».¹⁰

Na sequência desta afirmação, Guerra da Cal informa da existência, entre os escritos inéditos, integrados no arquivo de Tormes, à época em que escreve, e hoje preservados na Biblioteca Nacional de Portugal, de um manuscrito que considera pertencer àquela “temprana versión”, acrescentando:

En la intención original debía de ser una novela corta, que fue creciendo inevitablemente como le aconteció con CPA, CS y otros relatos: «o romance tem sofrido tais refundições e emendas – que de uma novela fiz um romance», dice a su editor Char-dron cuando le envía la primera remesa del original, en 17 de Mayo de 1877. (*Ibidem*)

Ora, na edição da *Correspondência* que vimos seguindo, não consta esta carta alusiva ao envio da primeira remessa do manuscrito do romance, porém, na carta datada de 5 de outubro de 1877¹¹, o autor começa num primeiro parágrafo por informar o editor de que o manuscrito de *O primo Basílio* está terminado e com ele faz acertos quanto aos envios que faltaria fazer do dito manuscrito e à qualidade das provas entretanto já recebidas, concluindo: “Esta lebre portanto está corrida.” (*Ibidem*) E no longo parágrafo seguinte, vira a página e anuncia um outro assunto, expondo e propondo ao seu editor com detalhe o projeto que designa de *Cenas da Vida Real*, agora com muito mais precisão do que na já citada carta de 21 de fevereiro de 1877.

Parece, pois, bem provável a hipótese avançada por Guerra da Cal de que no ano de 1976 já houvesse quer um ainda imaturo ensaio do que viria a ser *O primo Basílio*, quer uma igualmente imatura ideia das *Cenas*...

* * *

O que hoje já não oferece dúvidas é que aquele o manuscrito a que Guerra da Cal aludira, como tendo tido dois títulos, e que também Dominique Sire, num estudo do início dos anos 70, classifica de “première ébauche de *O Primo Basílio*”¹² está hoje em depósito na Biblioteca Nacional de Portugal com o título *O primo João de Brito*. Claro é também que ele constituiu uma

¹⁰ Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*, p. 36.

¹¹ Cf. Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, pp. 149-50.

¹² Dominique Sire, “Une première ébauche du romam *O Primo Basílio*. Le manuscrit de Tormes”, *Bulletin des Etudes Portugaises et Brésilienues*, n°33-34, 1972-73, p. 264.

primeira tentativa que conduziu a *O primo Basílio*. Inaceitável, pelo contrário, parece ser a hipótese levantada por Helena Cidade Moura¹³ a partir da “Introdução” de Batalha Reis a *Prosas Bárbaras*, ao considerar *O primo Basílio* o resultado de um anunciado romance intitulado *História de um lindo corpo*, o que faria remontar a história do texto e, consequentemente, do romance à causa ao longínquo ano de 1870.

O manuscrito veio a ser publicado em 1989 por Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro¹⁴ e embora não tenha um carácter homogéneo e tenha dimensões muito mais reduzidas que o romance, pelo menos o manuscrito disponível ao qual falta um número significativo de folhas, é claramente aproximável do livro. Os pontos de afinidade são vários: as intrigas de 1.º e 2.º grau, as personagens, a sequência narrativa, algum as opções técnico-narrativas. Tudo isto não invalida o seu carácter precário de primeiro exercício de redação, provavelmente executado de jato a partir de um plano prévio, com as inevitáveis hesitações, confusões e desvios inerentes à tentativa de fixação da escrita.

* * *

O Primo Basílio foi um sucesso editorial, já o dissemos, embora sempre acompanhado da habitual insatisfação do autor com tudo o que publicava. Já lembramos aqui a carta a Ramalho Ortigão, de 3 de novembro de 1877, na qual alude a essa insatisfação, mas também à ambição que tomava conta dele de ser um grande escritor. Também já lembramos que, apesar do sucesso, a insatisfação e a ambição de Eça fazem-no imaginar imediatamente uma nova edição revista. E logo em carta a Ramalho Ortigão, de 15 de Março de 1878, o autor autoriza uma hipotética tradução para francês, que acabou por não se concretizar, a respeito da qual diz com toda a clareza: “A tradução deve ser feita sobre a 2.ª edição.”¹⁵ Esta já estava em marcha acelerada, portanto.

Valerá a pena voltar a referir que *O primo Basílio* só teve uma 3.ª edição¹⁶ em vida do autor em termos que muito o contrariou. Estamos no ano de 1887. Estando a obra há muito esgotada e Eça empenhado na produção de *Os Maias* e atrasado na sua entrega definitiva, o editor tenta republicar *O*

13 Cf. Helena Cidade Moura, “Nota Final”, *O Primo Basílio*, Lisboa, Edições Livros do Brasil, s/d., pp. 453-4.

14 Cf. O manuscrito 234, do espólio queirosiano na BNP, intitulado *O primo João de Brito*, editado por Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro, *A Construção da Narrativa Queirosiana – O Espólio de Eça de Queirós*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989. Será sempre a esta edição do manuscrito, transcrito entre as páginas 221 e 274, que nos reportaremos.

15 Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, p. 185.

16 Eça de Queirós, c) *O Primo Basílio*, 3.ª edição revista, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Casa Editora Lugan & Genelioux, Sucessores, 1887.

primo, de modo a manter viva a expectativa do público. Eça irrita-se quando percebe o propósito em cartas trocadas com o editor Genelioux, a partir de Bristol, em 22 de outubro e 28 de Novembro de 1887. Fica insatisfeito quando constata que se pretende publicar a obra “À toute vapeur”¹⁷ sem que o editor respeite o que teria acordado com ele em Portugal: “la révision indispensable dans un ouvrage publié il y a plus de dix ans et dont la forme a un peu vieilli! Sans que je revoie du moins les épreuves!” (*Ibidem*).

Como sempre, temos o nosso autor em busca perfeccionista. Já perante o facto consumado da publicação, não retira o protesto mas abrandando-o, lembrando o referido acordo da necessidade da revisão, a qual iria muito para além dos simples erros de ortografia que o editor fizera emendar: “C’était bien une révision du style que je voulais faire – ce qui cependant ne prendrait pas beaucoup de temps, et pourrait être fait sur les épreuves.”¹⁸ – coisa em que o editor certamente com saber de experiência feito não acreditou. E ainda argumenta, com alguma razão, que o editor teria retirado vantagem acatando a intervenção por ele pretendida porque poderia anunciar: “Une révision corrigée et perfectionnée ce qui éveillerait la curiosité de ceux qui connaissent bien le roman.” (*Ibidem*). Tinha certamente razão Eça, mas provavelmente o editor não teria tido a obra disponível em tempo útil e não imaginamos quantas mil notas teria sido necessário acrescentar num futuro trabalho de edição crítica se essa edição se tivesse tornado a *ne varietur*, que, como decorre do episódio acabado de narrar, não se tornou.

Acabou, pois, por ficar estabelecida como *ne varietur* a 2.ª edição, designada “edição, revista”, com o subtítulo, “Episódio doméstico”, o qual não surgira na 1.ª. Apresenta esta nova edição substanciais alterações relativamente à anterior, as quais são tanto mais relevantes quanto se processaram no próprio ano do sucesso da primeira publicação do romance. Surgira, aliás, como ficou assinalado com a data do mesmo ano de 1878, pese embora só ter aparecido nas livrarias nos inícios do ano seguinte.

O livro terá um menor número de páginas: passará das 636 da 1.ª edição para as 608 da 2.ª e ambas apresentam na página final a mesma data de conclusão do manuscrito, “Setembro de 1876 – Setembro 1877”, o que obviamente só poderá corresponder à exata verdade no caso da 1.ª edição.

Em carta a Ramalho Ortigão, datada de 20 de Fevereiro de 1878, como já alertara Guerra da Cal, ele diz ao amigo obviamente a propósito da 1.ª edição: “A não ser duas ou três cenas, feitas ultimamente, o resto escrito há dois anos é o que os Ingleses chama *rubbish*, isto é, inutilidades desbotadas

¹⁷ Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, p. 510.

¹⁸ Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, p. 511.

dignas de cisco.”¹⁹ Mas já em carta anterior acima citada, datada de quase três meses antes, na qual perguntava a opinião do amigo sobre o famigerado capítulo publicado no *Diário da Manhã*, comentara a: “Falta a *poigne*.” – e acrescentava – “Os personagens (...) não têm a vida que nós temos: não são inteiramente *des images découpées* – mas têm uma musculatura gelatinosa. Oscilam, fazem beijo como os queijos da serra, espapam, derretem.”²⁰

Conhecemos através de estudos diversos, portugueses e brasileiros, a enorme fortuna crítica deste romance que provocou rios de tinta de críticas diversas – entusiásticas, depreciativas e moderadamente positivas, acentuando todas elas ou o caráter desbragadamente naturalista do romance com cenas cruas, ou o caráter desmoralizador quando não imoral. De um lado e de outro do Atlântico vieram à liça autores e críticos consagrados²¹. A mais famosa das críticas proveniente do Brasil, poucas semanas depois de publicado o romance foi a de Machado de Assis, sob o pseudônimo de Eleazar, no jornal *O Cruzeiro* do Rio de Janeiro, de 16 de Abril de 1878. Inúmeros são os estudos críticos portugueses e brasileiros que têm atentado na relevância daquela crítica e das consequências que dela advieram para as obras quer de Eça de Queirós quanto de Machado de Assis²². Não cabe aqui voltarmos a essa análise, mas importará atentar pontualmente nalgumas das reações, a maior parte das vezes sub-reptícias de Eça, plasmadas em cartas que de Inglaterra foi escrevendo aos seus amigos, assim como naquele texto deixado inédito, destinado a ser o prefácio à 3.^a edição de *O crime do Padre Amaro*. E há desde logo uma carta, datada de 4 de Junho de 1878, dirigida a Ernesto Chardron, em que Eça de Queirós dava sinais de que estar a par da sensação que o seu romance estaria a causar no Brasil e de como esgotara num ápice e em que pedia ao editor que obtivesse para ele “a coleção de folhetins que se têm escrito sobre o assunto: parece que a polémica, sobretudo ente o *Cruzeiro* e a *Gazeta de Notícias*, tem sido interessante, e eu desejava vê-la.”²³

Aproximamo-nos da opinião de Carlos Reis quando se refere ao enfrentamento entre os dois escritores como “uma polémica falhada”, mais exatamente “um debate que ficou por fazer”²⁴, o que foi manifestamente pena no quadro da problematização do realismo nas literaturas em língua por-

19 Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, p. 164.

20 Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, p. 155.

21 Cf. António Apolinário Lourenço, *Eça naturalista – O Crime do Padre Amaro e O primo Basílio na imprensa coeva*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

22 Cf. várias entradas do *Dicionário de Eça de Queiroz*, Organização, coordenação de A. Campos Matos, 3.^a edição ilustrada, revista e ampliada, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2015, p. 812-822.

23 Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, p. 197.

24 Carlos Reis, “Eça e Machado de Assis ou a batalha do realismo”, *Eça & Machado*, org. Beatriz Berrini, São Paulo, EDUC – Editora da PUC-SP, 2005, p. 287.

tuguesa. As posições de ambos os escritores quanto a como lidar com o realismo são manifestamente irregulares ou desalinhadas para não dizer heterodoxas, bastando pensar nas suas facetas, também elas bem distintas de excepcionais ironistas.

Detivemo-nos um pouco nesta reflexão sob o efeito de um surpreendente elemento paratextual de carácter editorial com o qual nos confrontamos, na preparação desta edição crítica, ao manusear o nosso exemplar de trabalho da 2.^a edição. No verso da folha de rosto, pode ler-se o seguinte: “Declaramos, para todos os efeitos da lei, que a propriedade literária desta obra, no Império do Brasil, pertence ao Exmo. Sr. J. M. Machado de Assis”²⁵. Assinam Eça de Queirós e Ernesto Chardron. Com efeito, tal facto levou-nos, por informação gentil e verbalmente cedida por Irene Fialho, a uma carta de Chardron a Machado de Assis, datada de 27 de Julho de 1878, solicitando autorização para publicar uma declaração de representação de direitos editoriais de Eça no Brasil, posto que circulavam já diversas contrafações, obviamente clandestinas, de *O Crime...* e de *O Primo Basílio* e inclusivamente de futuros livros a publicar. Ora a declaração coincide exatamente com a que acima reproduzimos e foi efetivamente publicada em diversos jornais, não sendo conhecida nenhuma denegação de Machado.

Não deixa, portanto de ser estranho, quase impensável, que não haja notícia de qualquer resposta à única carta da iniciativa de Eça, escrita de Newcastle, a 29 de Junho de 1878, agradecendo a crítica publicada por Machado de Assis com o pseudónimo *Eleazar*, no *Cruzeiro* de 16 de Abril e que nenhuma correspondência tenha vindo a ser trocada entre os dois escritores que parece que toda a vida se farejaram sem se tocarem... Houve seguramente cartas trocadas entre Chardron e Machado de Assis e uma qualquer reação deste, recusando ou não aquela oferta ou proposta. Mas a mesma Irene Fialho dá a notícia, algo surpreendente e, segundo aquela investigadora, nunca veiculada pelos estudiosos da polémica Eça-Machado, do facto de, escassos cinco dias após a datação da citada carta de Chardron de 27 de julho, isto é, a 2 de Agosto, o jornal *O Cruzeiro* publica no centro da primeira página, uma carta assinada por Eleazar na qual reproduz com o que me parece ser um gesto pouco elegante e certamente irónico um período solto da carta que recebera de Eça, o qual diz, desvalorizando-o obviamente, que é do domínio da publicidade. Reproduzo em nota aquilo a que parece ter-se

25 Eça de Queirós, b) *O Primo Basílio*, Episódio doméstico, p. 2.

reduzido a resposta que, pelo menos até hoje, conhecemos de Machado de Assis a Eça de Queirós.²⁶

Digamos que algum mistério continua a persistir no teor desta relação.

Sem esquecer que a 1.^a edição de *O primo Basílio* fora publicada a 28 de Fevereiro de 1878, retome-se então o trabalho que Eça de Queirós já terá em mãos, para, logo a 15 do mês seguinte recomendar a Ramalho Ortigão para uma possível tradução para francês não a edição acabada de sair mas uma segunda.

Relativamente à preparação desta 2.^a edição há uma reação do escritor ao convite de Ernesto Chardon, em carta datada de 15 de junho de 1878, na qual, para além de anuir ao propósito do editor, estabelece um programa de trabalhos:

Estimo que queira fazer uma segunda edição do *Primo Basílio*. Eu não tenho nada a alterar nos episódios: escandalosos²⁷ ou não escandalosos irão como foram escritos. Tenho, porém, a alterar e bastante no estilo geral: isto é – quero aperfeiçoar a linguagem, e tornar o livro uma obra de arte mais harmónica e mais completa. Para isso já comecei a rever – e se necessário for avise-me para que eu mande as primeiras folhas.²⁸

A edição deve ter ficado concluída por Outubro do mesmo ano e não em Agosto, como admitiu Guerra da Cal²⁹, ao acreditar na informação queirosiana contida numa carta ao editor de 12 daquele mês de Agosto³⁰, na qual garante que apenas faltaria corrigir 100 páginas. Porém, numa carta seguinte

26 Machado cita o seguinte período da carta de Eça: “Quero também por esta carta, rogar a V. queira em meu nome oferecer o meu reconhecimento aos seus colegas de literatura e de jornal pela honrosa aceitação que lhes mereceu o *Primo Basílio*. Um tal acolhimento da parte de uma literatura tão original e tão progressiva como a do Brasil é para mim mais uma honra inestimável e para o realismo, no fim de tudo, uma confirmação esplêndida de influência e de vitalidade.” E continua acrescentando simplesmente e com algum cinismo: “Cumpro com a maior satisfação a incumbência do eminente escritor, que, se continua a divergir de mim, no que toca às doutrinas literárias, cujo iniciador é em nosso idioma, não se magoou com a franqueza da minha crítica: – o que é ainda uma prova do seu superior talento. Acrescentarei que o Sr. Eça de Queirós promete tratar em prazo breve, e largamente, das doutrinas que considera como um elevado fator do progresso moral na sociedade moderna: notícia sobretudo agradável a todos, e não menos a mim, seu admirador e seu adversário. – Eleazar.” (Sempre cf. informação de Irene Fialho).

27 Nesta mesma carta Eça escreveu: “Remeto-lhe um bocado de jornal com a extraordinária notícia que contém. Não esperava que o *Primo Basílio* provocasse sermões!” (Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, p. 198). Em nota (109) de rodapé, A. Campos Matos, o editor da *Correspondência*, esclarece que o escritor “Refere-se, provavelmente, à notícia saída no *Diário Ilustrado* de 1.06.1878 (que publicámos em *Fotobiografia de Eça de Queiroz*, Editorial Caminho, 2007, p. 128) de que o padre Sena de Freitas “fez um reclamo em favor do *Primo Basílio* dizendo que ninguém devia ler tão imoral narrativa dos costumes modernos”. Acrescentava a notícia que no dia anterior se haviam vendido oitenta e tantos exemplares desse livro...”

28 Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, p. 199.

29 Guerra da Cal, *Idem*, p.38.

30 Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, p. 204.

ao mesmo Chardron, de 12 de Outubro, é possível ler-se o seguinte desabafo queirosiano: “Enfim, graças a Deus, o *Po Basílio* está pronto.”³¹

O escritor por certo trabalhou intensamente nas múltiplas alterações que introduziu no romance. Declara-o inequivocamente um pouco antes na mesma carta acabada de citar:

O Primo Basílio deu-me um trabalho dos demónios. Eu não sou um génio, como sabe, e trabalho devagar: talvez não acredite, mas cada folha de revisão do *Primo* levou-me de dois a três dias: fui por isso forçado a *choutar*, quando a sua impaciência me exigia que *galopasse*.” (*Ibidem*).

Ora os livros, em ambas as edições, ultrapassam as 600 páginas e podemos assegurar que praticamente em todas as páginas da 2.^a edição foi feita uma qualquer alteração relativamente à 1.^a, o que explica as mais de 4000 notas que esta edição crítica contemplará.

* * *

A revisão levada a cabo não foi no sentido de ampliar o romance ou fazer alterações de estrutura, como já ficou indicado pela voz do próprio autor, mas no sentido de o densificar, de o apurar do ponto de vista estilístico e de o matizar no que à dívida para com o naturalismo se refere. Recorde-se a frase, que para Eça de Queirós terá funcionado como um lema no exercício de preparação da 2.^a edição, que escreve a Teófilo Braga, na já citada carta de 12 de Março de 1878:

Eu acho no *Primo Basílio* uma superabundância de detalhes, que obstruem e abafam um pouco a ação: o meu processo precisa simplificar-se, condensar-se – e estudo isso. O essencial é dar a nota justa: um traço justo e sóbrio cria mais a acumulação de tons e valores – como se diz em pintura.³²

E é de crer que a crítica machadiana feita poucas semanas depois da publicação do romance deva ter sido muito responsável pela pressa que se apossou do escritor para encetar a intervenção conducente à 2.^a edição.

Começaremos por atentar na introdução de um subtítulo, «Episódio doméstico», espécie de declaração de fidelidade à estética realista, no seu afã de se deter num fragmento de realidade. O Eça da década de 70 não terá ainda grandes dúvidas relativamente à grandeza e justeza do realismo em

³¹ Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, p. 206.

³² Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, p. 184.

arte e di-lo expressamente a propósito do seu romance, designadamente nas famosas e reiteradamente citadas cartas a Teófilo Braga e a Rodrigues de Freitas (respectivamente de 12 e 30 de março de 1878)³³ e afinal também na cerimoniosa carta dirigida, a 29 de junho de 1878, a Machado de Assis, ao atribuir a severidade da crítica do autor brasileiro à sua “hostilidade quase partidária à Escola Realista”³⁴ e promete, quando estiver na posse de todas as críticas machadianas de que foi objeto e que ainda não conhece, permitir-se contra-argumentar “não em minha defesa pessoal (eu nada valho) , não em defesa dos graves defeitos dos meus romances, mas em defesa da Escola que eles representam e que eu considero como um elevado fator do progresso moral na sociedade moderna.” (*Ibidem*).

O Primo Basílio vai revelando, ao longo das suas etapas construtivas, esta fidelidade ao realismo em arte, porém, vai também evidenciando uma constante preocupação de um moderado apagamento de traços que desvelem uma subordinação intensa a uma prática mais abertamente naturalista. Se isso já se tornou visível no aproveitamento de elementos provenientes do manuscrito, *O Primo João de Brito*, na criação da 1.^a edição do romance, torna-se mais óbvio na passagem da primeira para a segunda edição.

São diversos os passos do romance que ilustram esta tendência, alguns dos quais concretizam cortes que melhoram simultaneamente o clima narrativo, sugerindo mais do que dizendo explicitamente e alargando a caracterização psicológica da personagem, como é o caso do passo seguinte:

Juliana e Joana, as criadas de Luísa, estão encaloradas no cacifo do quarto que partilham, abafado e pejado de percevejos, falando dos amores carnavais de Joana. Esta, cheia de sede: “Saltou para o chão, com passadas rijas que faziam tremer o soalho, foi ao jarro, pôlo- à boca, bebeu uma tarraçada. A camisa justa, feita de pouca fazenda, mostrava as formas rijas e valentes.”³⁵ Na 1.^a edição, o texto dizia: “Saltou para o chão, com passadas rijas que faziam tremer o soalho, foi ao jarro, pôlo- à boca, bebeu uma tarraçada. A camisa justa, feita de pouca fazenda, mostrava a forte construção dos quadris, a animalidade das formas.”³⁶ O narrador retira à personagem a dimensão de animalidade que a versão primeira comportava e, criando a hipálage “formas valentes”, acaba por caracterizar a personagem para além da simples pujança física, atribuindo-lhe valentia psicológica que aliás ela virá a demonstrar ter em fase mais avançada do romance.

33 Cf. Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, respectivamente p. 182-5 e p.186-8.

34 Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, p. 203.

35 Eça de Queirós b) *O Primo Basílio*, Episódio doméstico, p. 90. Sublinhados nossos.

36 Eça de Queirós, a) *O Primo Basílio*, p. 97. Sublinhados nossos.

De resto, a atribuição de maior subtileza psicológica à personagem prossegue na continuação da conversa entre as criadas quando Juliana critica o facto de Joana dar dinheiro ao amante. Refila ela: “– Vossemecê também, sr.^a Joana, deixa-se cardar pelo homem!”³⁷. Eis a reação de Joana, na 1.^a edição:

Joana fitou-a: uma sensação de sensualidade tinha-lhe entumecido o rosto: e batendo com o punho fechado na palha do enxergão:

– Ainda que eu tivesse de roer ossos, sr.^a Juliana, a última migalha havia de ser pra ele!³⁸

Na 2.^a edição, temos apenas, num curto período que constitui um parágrafo no qual, retirando referências à carnalidade sensual e ao excesso passional de Joana, é dito muito mais sobre o seu saber passional e o fosso emocional que a separa de Juliana:

Joana sorriu.

– Ainda que eu tivesse de roer ossos, sr.^a Juliana, a última migalha havia de ser pra ele!³⁹

Diversos são os passos nos quais excessos fisiológicos ao gosto naturalista são retirados na 2.^a edição. Por exemplo, isso torna-se claro quando, na caracterização da personagem de Sebastião, se prefere dizer: “tinha a força dum ginasta, oferecia a resignação dum mártir.”⁴⁰ em lugar de “tinha a força dum ginasta, oferecia a resignação dum boi.”⁴¹ Observa-se algo na mesma linha de procedimento na reação desesperada de Jorge quando, já na posse da história de adultério da mulher, a acompanha na doença e tenta “ouvir-lhe nalgum sonho da febre murmurar um nome ou uma data”⁴², que o faça compreender melhor o que se passara. Esta é a versão da 2.^a edição. Na 1.^a, o narrador acrescentara estas considerações ao gosto fisiologista que vimos cair na 2.^a: tenta “ouvir-lhe nalgum sonho da febre murmurar um nome, uma data; concentrava-se na sua dor com uma sensualidade áspera, como os doentes desesperados que sentem uma consolação ao apertar o músculo que lhes dói”⁴³. E note-se, como esta condensação faz a atitude de Jorge ganhar força dramática.

37 Eça de Queirós, b) *O Primo Basílio*, Episódio doméstico, p. 91.

38 Eça de Queirós, a) *O Primo Basílio*, p. 99.

39 Eça de Queirós, b) *O Primo Basílio*, Episódio doméstico, p. 91.

40 *Idem*, p. 151.

41 Eça de Queirós, a) *O Primo Basílio*, p. 162.

42 Eça de Queirós, b) *O Primo Basílio*, Episódio doméstico, p. 561.

43 Eça de Queirós, a) *O Primo Basílio*, p. 585.

O apagamento de referências naturalistas faz-se também sentir no esbatemento de marcas de excessiva concupiscência como, por exemplo, quando o Conselheiro Acácio, à noite, em sua casa, está a tentar terminar com a exclamação certa que não lhe chega o Necrológio de Luísa; a sua Adelaide apressa-o, perguntando-lhe se naquele dia não se faz néné e depois, chegando-se a ele devagar, passa-lhe a mão pela calva:

aquele doce roçar amoroso fez decerto saltar a ideia como uma faísca, porque tomou rapidamente a pena, e acrescentou:

– «Chorai! Chorai! Enquanto a mim, a dor sufoca-me!»

Esfregou as mãos com orgulho. Repetiu alto num tom plangente:

– «Chorai, chorai, enquanto a mim, a dor sufoca-me!» – E passando o braço concupiscente pela cinta da Adelaide, exclamou:

– Está de fazer sensação, minha Adelaide!⁴⁴

Esta cena conforme à 2.^a edição tem algumas pequenas alterações relativamente à primeira, de pouca importância para a questão em causa; porém importa relevar o que foi alterado na parte final do trecho no sentido de adequar a manifestação de concupiscência, tornando-a mais verosímil com o clima de alguma morbidez que a cena comporta, permitindo assim amenizar uma certa confusão entre experiência erótica e mórbida que por aqui passava:

– «Chorai, chorai, enquanto a mim, a dor sufoca-me!» – E dando uma palmadinha concupiscente no seio abundante da Adelaide, disse:

– Está para sensação!⁴⁵

Que tipo de sensação, permitia-se o leitor perguntar ao ler a 1.^a edição?

Neste afã de rarefazer traços aproximáveis de práticas naturalistas, identifica-se tentativas de não acentuar tanto aspetos da decadência lisboeta. Veja-se o seguinte exemplo, durante a ida de Luísa e D. Felicidade ao Passeio Público na companhia de Basílio. O narrador já remetera para a atmosfera decadente do Passeio antes, porém, num certo momento da descrição, pode ler-se na 1.^a edição:

Basílio achava preferível subirem a pé até ao largo do Loreto. A noite estava tão agradável! E o andar fazia bem à sr.^a D. Felicidade! Gente recolhia; e pelos passeios movia-se uma continuação de vultos escuros, com o arrastar preguiçoso de corpos derreados.

44 Eça de Queirós, b) *O Primo Basílio*, Episódio doméstico, p. 599-600. Sublinhados nossos.

45 Eça de Queirós, a) *O Primo Basílio*, p. 627-8. Sublinhados nossos.

Diante do Martinho, falou em irem tomar neve; mas D. Felicidade receava a frialdade, Luísa tinha vergonha. Pelas portas do café abertas, viam-se as mesas desertas, jornais enxovalhados que arrastavam; e no passeio garotos procuravam, apanhavam sofregamente as pontas muito fumadas de charutos.⁴⁶

Na 2.^a edição, procede-se nitidamente a um alívio nas sugestões de decadência social; a atmosfera é bem mais leve:

Basílio achava preferível subirem a pé até ao largo do Loreto. A noite estava tão agradável! E o andar fazia bem a sr.^a D. Felicidade!

Depois diante do Martinho, falou em irem tomar neve; mas D. Felicidade receava a frialdade, Luísa tinha vergonha. Pelas portas do café abertas, viam-se sobre as mesas jornais enxovalhados; e algum raro indivíduo, de calça branca, tomava placidamente o seu sorvete de morango.⁴⁷

Cumpre dizer que, aqui ou além, há um movimento inverso que dá a ver o que se poderia designar por tentativa do naturalismo, como quando, a propósito do relato de Leopoldina dando conta a Luísa do tédio que dominava a sua existência, o narrador que na 1.^a edição introduz o lamento de Leopoldina, de modo bem contido: “E bocejando enormemente: // – Aborreço-me! Aborreço-me!... Oh céus!”⁴⁸, na 2.^a edição vai além e escreve: “E, depois de escancarar a boca, num bocejo de fera engaiolada: // – Aborreço-me! Aborreço-me!... Oh céus!”⁴⁹

Como ficou dito, assiste-se, na revisão a que se procede na 2.^a edição, a um movimento de condensação e de simplificação que terá variado tipo de objetivos.

Por exemplo, numa das visitas de Leopoldina a Luísa, aquela vai explanando as suas ideias das razões que a levarão a concluir que gostaria de ter nascido homem para ser independente e poder entregar-se à ação e aos apêtitos que a movem – de momento fumar um cigarro. Na 1.^a edição, lê-se:

– Um homem pode fazer tudo! Nada lhe fica mal!

E bruscamente:

– Tu nunca te lembrou fugir, Luísa? Mas fugir deveras, só, inteiramente só?

Luísa riu. – Nunca, que tolice! – De resto achava horroroso! Uma mulher só pelo mundo, nos hotéis, com um embaraço de bagagem...

– Também tens razão. Sabes tu, fumava agora um cigarrito...⁵⁰

46 *Idem*, p. 133. Sublinhados nossos.

47 Eça de Queirós b) *O Primo Basílio*, Episódio doméstico, p. 123. Sublinhados nossos.

48 Eça de Queirós, a) *O Primo Basílio*, p. 499.

49 Eça de Queirós, b) *O Primo Basílio*, Episódio doméstico, p. 476.

50 Eça de Queirós, a) *O Primo Basílio*, p. 232. Sublinhados nossos.

Na 2.^a edição, a coisa reduz-se a: “– Um homem pode fazer tudo! Nada lhe fica mal! Pode viajar, correr aventuras. Sabes tu, fumava agora um cigarrito...”⁵¹

Uma redução deste tipo impede que se proceda perante o olhar do leitor a uma racionalização determinista da conversa entre as amigas que dificultaria o sonho romântico da fuga libertadora que Luísa acabará por tentar empreender. No fundo, este corte também acaba por constituir um desvio, embora menos evidente que os já enunciados, a uma lógica naturalista.

Muitos dos cortes a que o autor procede visam apenas uma simples limpeza do texto, quando o que foi cortado não acrescentava nada de significativo; no caso que passamos a exemplificar, nada de eficaz para a caracterização de uma modinha que fazia furor na Baía e que Basílio canta num serão em casa de Luísa. O narrador comenta na 2.^a edição: “Era a história duma «negrinha» nascida na roça, e que contava, com lirismos de almanaque, a sua paixão por um feitor branco.”⁵² Ora, na 1.^a edição, acrescentava ainda: “Era a história duma «negrinha» nascida na roça, e que contava, com lirismos de almanaque, a sua paixão por um feitor branco; aquilo era alambicado e retórico; e balançava-se longamente numa melopeia monótona.”⁵³

Outras vezes a limpeza do texto visa clarificar o ponto de vista do narrador ou da personagem, como no caso seguinte em que Luísa começa a desconfiar do amor de Basílio. Escreve o narrador na 1.^a edição:

a figura dele, a sua voz, o seu olhar dominavam-na; e acendendo-lhe a paixão tiravam-lhe a coragem de a perturbar com queixas e com «cenas». Porque estava convencida então que o adorava. Decerto, dizia consigo. O que lhe dava tanta exaltação no desejo, se não era a grandeza do *sentimento*?...⁵⁴

Procede-se à seguinte alteração na 2.^a edição:

a figura de Basílio, a sua voz, o seu olhar dominavam-na; e acendendo-lhe a paixão tiravam-lhe a coragem de a perturbar com queixas. Porque estava convencida então que o adorava; o que lhe dava tanta exaltação no desejo, se não era a grandeza do *sentimento*?...⁵⁵

51 Eça de Queirós, b) *O Primo Basílio*, Episódio doméstico, p. 218. Sublinhados nossos.

52 *Idem*, p. 140.

53 Eça de Queirós, a) *O Primo Basílio*, p. 150. Sublinhados nossos.

54 *Idem*, p. 296. Sublinhados nossos.

55 Eça de Queirós, b) *O Primo Basílio*, Episódio doméstico, p. 281. Sublinhados nossos.

O narrador impede, assim, que o seu próprio ponto de vista se imiscua no discurso da protagonista tirando-lhe espontaneidade emocional.

Têm com efeito uma diversidade de funções os cortes empreendidos na 2.^a edição. Poder-se-ia multiplicar exemplos. Retenho-me em mais um ou outro que mostram como limpar excesso é um meio eficaz de criar verosimilhança: Na célebre cena do enterro de Luísa, Julião exclama: “– Que honra – exclamou Julião olhando Acácio – irmos na tipoia do Grande Homem!” Ora, na 1.^a edição, acrescia a esta exclamação o seguinte comentário do narrador: “Estava «de ótimo humor». Salvava na véspera do croup o filhinho dum banqueiro; fora chamado de manhã para ver uma velha rica, que se esganara com um osso de perdiz: A clientela vinha!..”⁵⁶, comentário este que apenas intensificava a caricatura da personagem e que criava uma certa inverosimilhança na atmosfera contristada do funeral duma amiga cuja doença Julião acompanhara também como médico.

Por vezes cortes bem simples como os de artigos definidos “os” e “as” são suficientes para indiciarem comportamentos sistemáticos que conformam melhor aos olhos dos leitores o ambiente social do espaço, como no caso da seguinte frase da 1.^a edição, a propósito da sala de espera da tia Vitória, a inculcadeira, “por cuja portinha verde se viam às vezes desaparecer os dorsos respeitáveis de proprietários, as caudas espalhafatosas de vestidos suspeitos.”⁵⁷

Muitos outros exemplos poderiam ser observados, como, em oposição, algumas menos frequentes ampliações textuais, as quais tendencialmente visam contribuir para uma mais precisa caracterização da personagem, para adensar a atmosfera social, para criar verosimilhança, para criar indícios.

Veja-se o caso da seguinte alteração: Luísa e Leopoldina conversam sobre a modista e um certo vestido encomendado. Na 2.^a edição, o texto expande-se, permitindo ao leitor imaginar um tipo de conversas, porventura com sugestões mais íntimas, que Jorge detestava que Luísa tivesse com a amiga: “E começaram a falar de *toilettes*, fazendas, lojas, e preços... Depois, de conhecidas, de outras senhoras, de boatos – perdendo-se numa conversa de mulheres sós, miudinha e divagada, semelhante ao ramalhar de folhagens.”⁵⁸, enquanto na 1.^a edição se informa apenas: “E começaram a falar de *toilettes*, fazendas, lojas, preços...”⁵⁹

⁵⁶ *Idem*, p. 599.

⁵⁷ Eça de Queirós a) *O Primo Basílio*, p. 299.

⁵⁸ Eça de Queirós b) *O Primo Basílio*, Episódio doméstico, p. 216.

⁵⁹ Eça de Queirós, a) *O Primo Basílio*, p. 230.

Ou estoutro em que a frase expandida da 2.^a edição: “A sua face branca parecia mais balofa; o bigode muito preto reluzia de brilhantina; as lunetas de ouro acentuavam o seu tom oficial”⁶⁰ substitui esta bem mais contida da 1.^a edição, permitindo obviamente uma mais eficaz caracterização da personagem de SAVEDRA: “A sua face branca parecia mais balofa; o bigode preto reluzia de brilhantina”⁶¹.

Neste afã perfeccionista, que conduziu Eça a fazer um número de alterações que ultrapassam largamente as 4000 – o que permitiria multiplicar tipologias diversas e um sem número de exemplos de modificações – embora a maioria delas, como é facilmente imaginável, visem procurar o termo justo, a forma certa que permita maior eficácia estilística, umas vezes mais eficiência afirmativa, outras uma atitude mais modelizante, para além daqueles casos óbvios provenientes da pura emenda de um lapso ou de um erro.

Seria intoleravelmente cansativo exibir nesta introdução o incansável trabalho de artífice da palavra do nosso autor, laboriosamente em busca daquilo que poderia com mais eficácia provocar a erupção da tal “*coisinha*” a que se referiu na carta já citada ao amigo Ramalho Ortigão:

Faço mundos de cartão ... não sei fazer *carne nem alma*. Como é? Como será?
E todavia não me falta o processo: tenho-o, superior a Balzac, a Zola, a *tutti quanti*.
Falta a *coisinha* dentro: a pequena vibração cerebral: sou uma irremissível besta!⁶²

Não era uma “irremissível besta”, era apenas um jovem cheio de afã e força criativa a querer ser um “artista” – e foi-o, logo neste magnífico romance de juventude, como de resto reconheceu o gigante Machado de Assis, ao fazer-lhe críticas tão violentas e depois calando-se para sempre, para desgosto de Eça que tanto desejava conhecer as reações de alguém que obviamente considerava um par à altura do qual pretendia estar.

60 Eça de Queirós, b) *O Primo Basílio*, Episódio doméstico, p. 439.

61 Eça de Queirós, a) *O Primo Basílio*, p. 461.

62 Eça de Queiroz, *Correspondência*, I, p. 155.